

Memória de golpes de Estado na discursividade do 08 de Janeiro na capa de O Globo¹

Luciano Sebastião Rodrigues Dias²
Universidade Federal Fluminense – UFF³

RESUMO

O presente resumo expandido trata de pesquisa do discurso sobre golpe de Estado no Jornal O Globo. O recorte de tempo é de 59 anos e compreende três acontecimentos: os golpes contra João Goulart, em 1964, e contra Dilma Rousseff, em 2016, e a tentativa de golpe contra Luiz Inácio Lula da Silva, em 2023. A análise do discurso materializado nas três primeiras páginas sobre cada um dos fatos é feita segundo preceitos, conceitos e fundamentos da Análise de Discurso de linha francesa, de autores como M. Pêcheux, J.J. Courtine e Eli Orlandi. A análise de discurso do jornal dialoga com estudos e teorias do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso jornalismo; Golpe de Estado; Análise de Discurso; Sentidos; Memória

Introdução

O momento ápice da tentativa de golpe civil-militar contra o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, recém empossado, ocorrido na Praça dos Três Poderes em Brasília, no dia 08 de janeiro de 2023, é um acontecimento político capaz de despertar memórias de rupturas no sistema democrático do Brasil neste e nos séculos XIX e XX. A história política do país registra uma série de golpes e tentativas de destituir pela força – militar, política e/ou jurídica – governos legitimados pelas regras vigentes. Em 1889, a Proclamação da República nasceu sob signo de um golpe, resultado de articulação civil-

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT04SE - Comunicação, discursividade e sentido: relações interdisciplinares e tecnológicas, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense – PPGMC/UFF: lucianodias@id.uff.br. Orientando pela professora Flávia Clemente de Souza.

³ Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense – PPGMC/UFF

militar liderada pelo Marechal Deodoro da Fonseca. Durante quase 134 anos, entre 1889 e 2023, outros movimentos desestabilizaram, tentaram derrubar ou derrubaram governos legitimados pela Constituição vigente à época do fato.

O 8 de janeiro forma, com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff e o golpe contra o governo de João Goulart, três momentos políticos mais recentes de uma sequência de golpes e tentativas fracassadas, frustradas, desde o fim do Império. A pesquisa desenvolvida por este autor no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC) da Universidade Federal Fluminense (UFF) analisa esses três acontecimentos políticos e históricos materializados em linguagem no suporte mídia. Neste trabalho para conclusão de doutorado, são analisados textos publicados nas páginas de O Globo, veículo de imprensa do maior grupo de comunicação do país e que completa 100 anos em 2025, mais especificamente e principalmente a edição seguinte ao fato. Ou seja, edições noticiando o golpe de 1964, a sessão do Congresso na votação do impeachment de 2016 e a invasão e depredação das sedes do Congresso, do Palácio da Alvorada e do Supremo Tribunal Federal (STF), respectivamente as de 02 de abril de 1964⁴ (figura 1), primeiro de agosto de 2016 e 09 de janeiro de 2023. Quase a totalidade da análise se detém sobre o corpus empírico formado pela primeira página das três edições. Uma pequena parte é de páginas internas destas edições e de outras relacionadas aos fatos. O trabalho desenvolvido no doutorado se beneficia da pesquisa feita por este autor no mestrado do PPGMC-UFF. A dissertação é uma análise detalhada de capas de O Globo entre 1964 e 2019 de edições seguintes à efeméride do golpe de 31 de março de 1964.

Fundamentação teórica e Metodologia

Os acontecimentos materializados na capa do jornal formam discursividade constituída no corpus empírico. O discurso do jornal sobre golpe nesses três momentos da história política do país é analisado, seguindo pressupostos teórico-metodológicos da

⁴ A edição de 1º de abril de 1964 não circulou porque o sede de O Globo foi invadida por militares leais ao governo de João Goulart. A não-página, porém, foi incluída no Acervo (<https://oglobo.globo.com/acervo/>), página mantida pelo jornal abertas aos assinantes com todas as edições do periódico da família Marinho, com texto com a versão da empresa para fato ocorrido na gráfica no dia 31 de março de 1964. O documento de arquivo também parte do estudo.

Análise de Discurso (doravante AD) francesa. Mesmo reconhecendo (e levando em consideração) a condição de que todo discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio (Pêcheux, 1969/1997, p. 77), o recorte permite interpretar os pontos de deriva da sequência de enunciados (Pêcheux, 2015) e observar como a exterioridade constitutiva abre para outros sentidos (Orlandi, 1996b).

ao considerar que a exterioridade é constitutiva, ela (AD) parte do texto, da historicidade inscrita nele, para atingir o modo de sua relação com a exterioridade. Considera que, se a situação é constitutiva, ela está atestada no próprio texto, em sua materialidade (que é de natureza histórico-social). (idem, p. 12).

As manchetes⁵ do jornal de 09 de janeiro de 2023 (*TERRORISMO – Bolsonaroistas radicais atacam os 3 Poderes; Lula intervém no DF*), de 1º de setembro de 2016 (*DILMA ESTÁ FORA – E AGORA, TEMER?*), e de 02 de abril de 1964 (*FUGIU GOULART E A DEMOCRACIA ESTÁ SENDO RESTABELECIDADA – EMPOSSADO MAZZILLI NA PRESIDÊNCIA*) são enunciados das primeiras páginas que formam o corpus da tese em desenvolvimento. Na pesquisa, a análise dos enunciados é o caminho para observação/interpretação de como sujeito e sentido se constituem se inscrevendo no jogo das múltiplas formações discursivas (Orlandi, 2007, p. 20).

As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. O dizível (o interdiscurso se parte em diferentes regiões (as diferentes formações discursivas) desigualdade acessível aos diferentes locutores (...) se a concebemos (a língua) – na perspectiva discursiva – como materialidade, essa materialidade linguística é o lugar da manifestação das relações de forças e de sentidos que refletem os confrontos ideológicos. (idem, p. 20 e 21)

O termo *TERRORISMO*, da manchete sobre o 08 de janeiro, é o exemplo da relação da linguagem com a história e mostra de que maneira o sujeito em (determinada) posição constitui sentido (e se constitui), (re)formulando um já-dito. Memória e esquecimento, misturados inextricavelmente, são materializados na manchete que, na transparência da linguagem, traz o sentido de violência política contra

⁵ A reprodução das manchetes segue o formato caixa alta caixa baixa do original. O travessão (–) é recurso para marcar que o primeiro trecho da manchete está em uma linha e o segundo em outra linha. Há variações do tamanho dos corpos da primeira em relação a segunda linha que não estão representadas neste resumo.

instituições democráticas, que dialoga com as imagens⁶ de destruição provocada pelos “terroristas”. Com a análise, podemos, como afirma Orlandi (2021), atravessar as transparências, as ilusões, e nos deparamos com o não exato.

Nesse sentido, a palavra *TERRORISMO* é presença e ausência em processo discursivo que resgata uma palavra para apagar outra inviabilizada pela substituição dentro de uma “política de silêncio” (Orlandi, 2007). *TERRORISMO* na sequência discursiva formada pelo corpus empírico, das páginas e dos acontecimentos ali materializados, reafirma o que diz Courtine (1999): memória e esquecimento são, assim, indissociáveis na enunciação do político. Nesse caso, memória-esquecimento se dá, ao mesmo tempo, na repetição do mesmo e na repetição de efeito de silenciamento de outro dizer.

Na formação discursiva do discurso do 08 de janeiro (de O Globo) que permite o sujeito enunciador dizer, ele se constitui e (re)constitui o sentido de ameaça à ordem e à democracia que a palavra “terrorismo” dita em condições de produção – que compreendem fundamentalmente os sujeitos, a situação e também a memória (Orlandi, 2015, p.)⁷ – outras que aquelas da tentativa de golpe de 2023. Na formação discursiva do discurso do jornal entre o fim dos anos de 1960 e o dos anos de 1970, ou seja, durante a ditadura militar (1964-1985), o sentido de “terrorismo” e variantes (“terror” e “terroristas”) é de ameaça à (outra) ordem e à (falsa/ilusória) democracia. Alguns exemplos: *Terrorismo não interrompe o programa de Costa e Silva (O Globo, 26 jul. 1966, p.1)*; *Costa e Silva a O Globo: O Terror não deterá a marcha da revolução (O Globo, 27 jul. 1966, p.6)*; *Sodré: Os terroristas querem arrastar o Brasil à ditadura (O Globo, 20 ago. 1968, p.1)*; *Bombas para o terrorismo em fábrica clandestina (O Globo, 06 out. 1969, p.1)*; *Terroristas metralham industrial pelas costas (O Globo, 16 abr. 1973, p.1)*.

“TERRORISMO” constituiu silenciamento constitutivo no apagamento de outra palavra. Diz-se “*TERRORISMO*” para não se dizer “golpe”, no mesmo

⁶ As duas imagens mostram o Congresso e o STF destruídos.

movimento de 1964, quando “golpe” foi silenciado por “democracia”/“revolução”⁸ e, em 2016, quando, diz-se “impeachment”⁹ e não “golpe”. Repete o mesmo ritual. O histórico de cada acontecimento permite pensar em outro silenciamento, o local, descrito por Orlandi (2007), como “aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura” (p. 24). Ou seja, ampliando, em outras condições de produção. Em 1964, o discurso (outro) oficial do governo militar de substituir *golpe* por *revolução* passou a ser “incorporado” no discurso do jornal deslizando o sentido do próprio acontecimento, da mesma forma que a expressão jurídica, do direito constitucional, *impeachment* substituiu *golpe* em 2016.

A análise do discurso do jornal nas páginas e os acontecimentos materializados nas chamadas de capa do periódico é presidida por estudo baseado em trabalho de pesquisadores contemporâneos sobre jornalismo e de teorias clássicas, como estruturalista e a interacionista, que se aproximam ao mostrar como o poder de fontes oficiais influencia no processo de construção de notícias (Traquina, 2005). A não-ilusão da objetividade e da imparcialidade do jornalismo moderno, porém, não é antídoto ao processo de interpelação (ideológica) que o sujeito se constituiu como tal na posição de jornalista. O ato de informar e de comunicar na imprensa, reforça Mariani (1993), “é o resultado de um duplo controle: um controle exterior (...) por um lado e, por outro, um controle internalizado na própria atividade jornalística” (p.35).

Conclusão

Pensar o discurso (jornalístico) pela Análise de Discurso é, no dizer de Orlandi (2023) citando duas fases da AD pecheutiana, compreender que sentido não é conteúdo (1960) e que o discurso, como estrutura e acontecimento, é analisado como batimento

⁸ A edição do dia 02 de abril de O Globo, “democracia” é dita em enunciados para legitimar a ação das Forças Armadas contra o governo de João Goulart. “Revolução” é associada à ditadura (“revolução para a ditadura”). Na edição seguinte do mesmo jornal, dia 03 de abril, “revolução” apaga “golpe” e passa definir a ação dos militares. A construção está na entrevista do General Olímpio Mourão Filho, comandante da 4.ª Região Militar/Divisão de Infantaria (4ª RM/DI), em Juiz de Fora (MG) publicada na página 12: “Foi o que fiz na madrugada do dia 31 de março, dando início à revolução”.

⁹ Na primeira página da edição do dia 1º de setembro de 2016 de O Globo, a disputa entre golpe e impeachment se materializa em outros enunciados desse suporte.

ritmado oscilando entre descrição e interpretação (1980). E, nesse processo, a pesquisa em desenvolvimento busca não interpretar os resultados, mas tomá-los como objetos de reflexão e buscar compreendê-los sob à luz das teorias de que parte (idem, p. 130), neste caso, as teorias e estudos de jornalismo . Analisar e interpretar os sentidos dos discurso da imprensa para além da transparência da linguagem jornalística e observando a posição do sujeito enunciador em acontecimentos chaves da história política do país tornam-se importante em um momento em que a desinformação é substantivo usado para desqualificar preferencialmente o discurso produzido nas redes sociais e aplicativos de mensagens. Uma das perguntas que movem o estudo e as análises desta pesquisa, cuja resposta pode estar na constituição do sujeito enunciador (e dos sentidos de seu dizer) quando sua posição (de poder) sofre ameaças, é: que ideologia que o interpela e quais formações discursivas o “proíbe” de dizer “golpe”?

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Tradução Joaquim José de Maura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1980.

BONANATE, Luigi. **Terrorismo**. In: Dicionário de política I Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.

COURTINE, J.J.[1982]. **Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em análise do Discurso**. Trad. Flávia Clemente de Souza e Márcio Lázaro Almeida da Silva. Policromia, New Zealand, v. 1, n. 1, pp. 14-35, jun. 2016.

COURTINE, J. J. (1999). **O Chapéu de Clémentis**. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURKY, Freda. (org.). Os múltiplos territórios da análise do discurso. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato.

DIAS, Luciano S. R. **O golpe hoje**: análise do discurso em comemoração ao 31 de março, na mídia, da tragédia de 1964 à farsa de 2019. Dissertação (Mestrado em Midia e Cotidiano) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

_____. **O Globo e o golpismo atávico**: análise do discurso sobre golpes políticos na capa do jornal. In: Revista Âncora, ano. 11, vol.11 n.2, jul./dez. 2024, João Pessoa. p. 66 a 88.

MARIANI, Bethânia S. C. **Os primórdios da imprensa no Brasil ou**: de como o discurso jornalístico constrói memória. In: Orlandi, P. E. (org.). Discurso Fundador – a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes. 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

_____. **Análise de Discurso: uma ciência da linguagem**. In: Evandra Grigoletto; Thiago César da Costa Carneiro (org). (Org.). *Diálogos com analistas do discurso. Reflexões sobre a relevância do pensamento de Michel Pêcheux hoje*. 1ªed.Campinas: Pontes, 2023, v. 1, p. 126-131.

_____. **Exterioridade e ideologia**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 30, p. 27-33, 1996a.

_____. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. 6ª edição. Campinas, SP; Editora Unicamp, 2007.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1996b.

_____. **Práticas sociais de fabricação da memória**. *RUA*, Campinas, SP, v. 26, n. 2, p. 511–527, 2020. DOI: 10.20396/rua.v26i2.8663436. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8663436>. Acesso em: 19 abr. 2024.

_____. **Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia**. *Cadernos de Linguística*, Abralin, v. 2, n. 1, p. e310, 8 fev. 2021. Disponível em: <<https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/310>>. Acesso em: 19 abr. 2024.

PÊCHEUX, M. (1997). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**; Organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]; 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP, Pontes, 2015.

_____. **Papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas (SP): Pontes, 1999. p. 49-57.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX & FUCHS (1975). **A propósito da Análise Automática do Discurso**. In : GADET & HAK (org). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990, p. 163-252.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50**. Rio de Janeiro, tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1996.

SOUZA, Flávia Clemente de. **Jornais impressos no Brasil: a língua como elemento de transformação**. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. v.2. Florianópolis: Insular, 2013.

